



**PARA UM MODELO BÍBLICO DA TRINDADE SOCIAL:
EVITANDO O EQUÍVOCO DA NATUREZA E DA ORDEM**

**Toward a biblical model of the social Trinity:
avoiding equivocation of nature and order**

Autor: J. Scott Horrell¹

Tradutor: Elivan Messias dos Santos*

T
R
A
D
U
Ç
Ã
O



* Bacharel em Teologia pela Faculdade FAK, licenciando em História pela UNICESSUMAR, e mestrando em Teologia pelo Instituto Aubrey Clarck. Atua como professor de Teologia nas seguintes instituições: ESTADEC-BA, Seminário Logos e SETEN e como professor de História no colégio Moríá.

Contato: elivames@gmail.com.

Recebido em: 21/11/2020

Aprovado em: 30/12/2020.

A fé cristã clássica está baseada em torno do Credo Niceno-Constantinopolitano². Embora o credo, em suas variações oferece uma expansão da fórmula descrita de maneira simples por Tertuliano, *tres personae, una substantia* ou, na teologia grega, três *hypostaseis* e uma *ousia*. Obviamente, os Concílios de Nicéia e Constantinopla pretendiam tanto proteger o mistério de Deus quanto delimitar e definir a crença católica. Assim, ao guardar o mistério divino, o Credo fornece uma certa atitude a respeito de Deus como Trindade deve ser percebido, evidenciado pelas duas correntes do oriente e do ocidente trinitarianismo. O cuidado extraordinário marcou as divergências em torno desse dogma central da fé cristã. No entanto, as concepções de como Deus é Deus em “Divindade” muitas vezes se distanciaram das Escrituras e efetivamente criaram uma Trindade imanente discutida entre teólogos,

bem diferente daquela com a qual o cristão comum se relaciona.

O objetivo deste artigo é contribuir para a maneira como pensamos sobre Deus, estreitando o relacionamento entre as imagens econômicas e as imanentes da Trindade. Uma discussão introdutória sobre questões e termos básicos estabelece as bases para um artigo de três partes. Ofereço na Parte Um, uma apresentação básica de um modelo da Divindade social, observando especialmente a reciprocidade divina na Escritura. A Parte Dois, após traçar as questões atuais do trinitarianismo social, investigo evidências bíblicas da ordem eterna na Divindade. A Parte Três, tento uma síntese das evidências bíblicas que defendem um “modelo social eternamente ordenado” da Divindade. Minha definição de modelo social da Trindade é que o Único Ser divino existe eternamente como três centros distintos de consciência, totalmente iguais na natureza, genuinamente pessoais nos relacionamentos, e cada um residindo mutuamente no outro. Defino um modelo social eternamente ordenado, como o modelo social que, embora insistindo na igualdade da natureza divina, afirma distinção perpétua de papéis dentro da divindade imanente. Amplamente concebido dentro da metanarrativa da revelação bíblica, isso implica algo como a **preeminência generosa do Pai, a colaboração (subordinação)³ alegre do Filho, e a atividade que é sempre servil do Espírito**. Argumentarei que, embora centenas de textos bíblicos afirmem a *monarquia* do Pai, nenhum texto se opõe suficientemente a ela; essa visão corresponde da maneira mais profunda à revelação de Deus como uma trindade imanente.

1 – DUAS QUESTÕES PRELIMINARES

1.1 – Revelação e o Infinito

Uma questão-chave em toda discussão sobre ontologia divina é se a revelação bíblica pode ser considerada adequada sobre quem e o que Deus é em última análise⁴. Embora os argumentos experimentais e eclesiais tradicionais para a doutrina da Trindade sejam úteis, nenhum tipo pode ser decisivo. A maioria dos evangélicos insiste que a revelação bíblica corresponde a quem e o que Deus realmente é⁵. Embora possa haver ocultação, incompreensibilidade e até escuridão (na teologia apofática), não há máscaras - como demonstram poderosamente a encarnação e a cruz. Deus é honesto, verdadeiro e genuíno

em se comunicar. Suponho que a Trindade econômica, conforme revelada na Bíblia, represente com precisão à criação finita quem e o que Deus é, mas que a Trindade econômica não é de modo algum tudo o que é Deus. Como a teologia clássica confessa, a linguagem serve como *analogia entis*, inadequada para qualquer correspondência exaustiva com o infinito. Uma hermenêutica trinitária evangélica, portanto, manterá a primazia da revelação juntamente com a humildade intelectual diante do mistério de Deus, que possui uma explicação própria - o que Rahner chamou de sua própria “lógica ôntica”⁶.

1.2 – Pessoa e natureza

Definições de “pessoa” e “natureza” são problemáticas enorme, especialmente quando relacionadas a Deus. Estes são termos metafísicos que tentam descrever o que é distinto nas Escrituras. Para meus propósitos, as palavras em inglês “pessoa” e “natureza” são paralelas aos termos gregos *hypostasis* e *ousia* e ao latim *persona* e *substantia* - os últimos sendo termos trinitários clássicos considerados equivalentes para o Oriente e o Ocidente pelo Papa Dâmaso (366-84 d.C.) A natureza divina pode ser definida como a essência genérica, a propriedade universal, os atributos da divindade manifestados igualmente no Pai, Filho e Espírito Santo. O termo *homoousios* originalmente significava “do mesmo material”, mas foi adaptado no uso mais trinitário para denotar “de uma substância”. Mas o que é “uma substância”? A “natureza” da natureza divina, por assim dizer, era entendida em dois sentidos primários.

a. igreja oriental. Os pais orientais colocaram a hipóstase como primária e *ousia* na abstração ou no nível secundário. Por essa distinção, evidenciam-se dois subconjuntos sobre a origem da natureza, mesmo entre os próprios capadóciolos. (1) A igreja grega herdou e corrigiu aspectos da cristologia do Logos do segundo século e a geração eterna do Filho em Orígenes. Basílio de Cesaréia e Gregório de Nazianzo localizado a uma natureza divina, não em uma mônada unipessoal “na maneira de Aristóteles”⁷, mas em Deus, o Pai, o sem origem e *fons totius divinitatis* que eternamente gera o Filho e de quem o Espírito Santo procede eternamente⁸. Assim, neste primeiro entendimento oriental da natureza divina, há três *hipóstaseis* que podem ser chamadas de Deus; todavia, existe apenas um Deus, o Pai, de quem a outra hipóstase derivará para sempre sua natureza divina. A divindade do Filho e do Espírito, por mais eterna e plena que seja, é recebida

do Pai. (2) A segunda concepção oriental da natureza é definida por Gregório de Nissa como uma essência transcendente que ela mesma unifica a Divindade; isto é, em vez de o Filho e a divindade do Espírito serem derivados do Pai, cada membro da Divindade compartilha igual e eternamente essa natureza divina. No entanto, em *Not Three Gods* Gregório argumentou que nenhum termo que tenta descrever a natureza divina significa essa natureza em si mesma, pois permanece totalmente além da compreensão humana. Só conhecemos a *ousia* por meio das operações divinas através das três hipóstases e seus efeitos na criação finita. Mas existe uma verdadeira natureza divina, embora indescritível e não conhecível. Da mesma forma, Cirilo de Alexandria, João de Damasco e muitos trinitarianos orientais subsequentes negam a origem do Filho e do Espírito do Pai, mesmo que a linguagem do “começo” (*archè*), “fonte” (*pëgë*) e “raiz” (*riza*) aparece com frequência. Como o refinamento continuou, a Igreja Grega assumiu o termo *perichöresis*, ou seja, a habitação de cada um deles no outro, como o centro da unidade divina⁹. Assim, no Oriente, ou a *ousia* divina é diretamente derivada do Pai, ou descreve a soma dos atributos mantidos em comum pela divindade, sem necessariamente negar uma única substância. Nos dois casos, as três pessoas são primárias, cada uma manifestando totalmente o DNA da divindade. Eles são três que são Deus e um Deus. Uma ou outra perspectiva da natureza divina é fundamental para uma teoria social da Trindade.

b. A igreja ocidental. O entendimento tipicamente ocidental da natureza divina começa com uma única essência divina expressa nas relações subsistentes do Pai, Filho e Espírito Santo. Ou seja, a essência divina, ou natureza única, tem uma realidade coincidente com sua manifestação nas três pessoas - isto sem admitir uma quaternidade. Pode-se imaginar duas dimensões de uma única realidade divina, a substância real de Deus e as relações reais de Pai, Filho e Espírito Santo. Essa perspectiva é refletida em quase toda a teologia ocidental, desde Atanásio, Agostinho e, principalmente, Tomás de Aquino até João Paulo II¹⁰. Como consequência, a teologia ocidental propriamente tradicional começa tradicionalmente com uma defesa da existência de Deus seguida de longas discussões sobre a divindade, atributos antes de qualquer menção à Santíssima Trindade. Colin Gunton tem sido especialmente perspicaz ao criticar Agostinho e Tomás de Aquino, com sua ênfase na natureza divina, como tendo perdido os três no um - ou então filosofando sobre o Deus único como perdendo a verdadeira fé trinitária e, consequentemente, estabelecendo o palco do deísmo e do ateísmo europeus¹¹. Por mais

que percebida, a visão ocidental tradicional tem sido de que a natureza divina não é apenas um conjunto unificador de propriedades, mas algo muito próximo de uma substância real que é fundamental para unir as três pessoas da Divindade.

Se o termo “natureza” é difícil quando falamos de Deus, o termo “pessoa” é ainda mais complexo¹². Teólogos como Tertuliano, os Capadócius, Agostinho e Tomás de Aquino diferem em seus conceitos de pessoa, mesmo que as concepções modernas e pós-modernas variem ainda mais¹³. A maioria concorda que a arquitetura da personalidade humana se baseia na personalidade absoluta do Pai, Filho e Espírito Santo. Mas, como a Trindade existe em ocultos e mistérios parciais, a imagem de Deus envolve aspectos que não são redutíveis para mim em termos de racionalidade e vontade, como alguns tradicionalistas teriam. Parece-me que a Bíblia sugere uma pluralidade de perspectivas sobre o que constitui uma pessoa, humana ou divina. Talvez seja melhor definir “pessoa” no sentido divino e ideal como um centro de autoconsciência existente no relacionamento com os outros¹⁴. À luz da revelação trinitária, quatro aspectos específicos ajudam a preencher isso, cada pessoa divina constituída por: (1) natureza genérica da divindade (“o Verbo era Deus”), ou seja, os atributos que distinguem Deus da criação; (2) autoconsciência completa (“eu sou”), a realidade real do eu distinta de outras pessoas, que pressupõe propriedades mentais e relações internas distintas; (3) parentesco único (“a Palavra estava com Deus”), distanciando cada membro da Deidade dos outros nos relacionamentos Eu-Tu; e (4) *perichöresis* (“eu estou no Pai e o Pai em mim”), a habitação mútua de cada um no outro, sem confusão de autoconsciência. Essa definição implica tanto características ontológicas - isto é, aquelas intrínsecas à natureza divina e à autoconsciência individual - juntamente com a relacionalidade e a presença real recíproca de cada uma na outra. Mais do que a individualidade boethiana do Ocidente (*persona est naturae rationalis substantia individual*) ou a perspectiva um tanto oriental e pós-moderna de que “pessoa” é um mero nó de relações sem substância ou natureza em si mesma, parece que ambas ontológicas e as perspectivas relacionais devem ser mantidas juntas quando pensamos no Deus tripessoal. E suspeito também que essas quatro categorias são paralelas ao que é central para a personalidade humana como pretendido por Deus.

Com as definições de “natureza” e “pessoa” em vigor, situadas dentro de suas variações históricas, prosseguimos para uma espécie de discussão dialética, primeiro observando a igualdade das relações trinitárias e depois observando as diferenças. O

trabalho conclui com um esforço para reunir os dois conjuntos de evidências bíblicas, a fim de correlacionar mais adequadamente o econômico com o que pode ser dito da Trindade imanente.

2 – PARTE I: PARA UM TRINITARISMO SOCIAL BÍBLICO

2.1 – Divergência contemporânea

Com a influência ortodoxa oriental crescendo na França na década de 1930, através da influência da espiritualidade ortodoxa e teólogos como Vladimir Lossky¹⁵, juntamente com o “trinitarianismo social” de Leonard Hodgson e outros na década de 1940¹⁶, modelos sociais do Deus cristão tiveram alguma presença no protestantismo do Atlântico Norte, pelo menos no século XX. Muito mais dominante nos últimos dois séculos, é claro, foram o trinitarianismo funcional de Schleiermacher (reduzindo a Trindade à experiência cristã) ou a concepção de Deus por Deus de Karl Barth como três “modos de ser” com sua resistência à terminologia de “três pessoas”¹⁷. Nos últimos vinte e cinco anos, no entanto, houve uma extraordinária renovação dos estudos sociais trinitários, notadamente através de Jürgen Moltmann, e o coral cresceu rapidamente com muitas vozes fortes. O coro cresceu em torno de temas de modelos sociais no final dos anos 80 e início dos anos 90. Zizioulas, Moltmann, Boff, Gunton, LaCugna, Swinburne e muitos outros escreveram sobre Deus como três pessoas distintas, unidas através de uma habitação mútua¹⁸. Com a popularidade do modelo comunitário, no entanto, recentemente foram levantadas questões sobre o trinitarianismo social à luz de estudos patrísticos e preocupações filosóficas¹⁹.

2.2 – Evidência bíblica

Interessantemente, o NT inclui as três pessoas divinas em conjunto em pelo menos setenta passagens²⁰. As escrituras estão na linguagem da humanidade finita e, portanto, em um sentido, toda linguagem bíblica é econômica. Ao mesmo tempo, a Bíblia nos traz revelações “de cima” e “de baixo” - ainda que não seja fácil esclarecer até que ponto a linguagem das Escrituras pode ser projetada para as eternas relações trinitárias. Mas acho que temos que dizer que os termos usados para as relações entre os membros da divindade

econômica fornecem nossa visão mais penetrante para a compreensão da Trindade imanente. Anteriormente, defini o modelo social da Trindade como o Ser divino que existe eternamente como três centros distintos de consciência, totalmente iguais em natureza, genuinamente pessoais em relacionamentos, e cada um residindo mutuamente no outro. As evidências de um Deus distintamente tripessoal são abundantes e precisam apenas de uma breve, mas importante revisão como fundamento para outras afirmações.

a. Centros distintos de consciência. Centenas de passagens do AT registram Deus falando em primeira pessoa: “Eu sou ele. Antes de mim nenhum deus foi formado, nem haverá um após mim. Eu, eu mesmo, sou o Senhor e, fora de mim, não há salvador” (Is 43: 10-11). Portanto, é revelador que o Novo Testamento registra o Pai, o Filho e o Espírito Santo cada um deles falando como o divino “Eu” (Marcos 1:11; João 10:30; 17: 4; Atos 13.2)²¹. Como as declarações do AT e do NT de o “eu” de Deus se encaixa? A evidência inclui o Pai, o Filho e o Espírito Santo, cada um exercendo inteligência (criando, instruindo), volição (escolhendo, comandando) e até emoção (alegria, tristeza, raiva), às vezes em relação a entre os membros da Trindade, o menos distintamente pessoal é o Espírito Santo. No entanto, o “outro Conselheiro” (Jo 14:16) habita (1 Cor 6:19), confortos (At 9). 31: 31) e intercede pelos crentes (Rm 8:14) - todos os atos profundamente pessoais. Talvez igualmente revelador seja que, embora a blasfêmia contra o Pai ou o Filho possa ser perdoada, a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12:31) Como Calvino observou, todos os atributos de Deus são atribuídos ao Espírito Santo como também ao Filho²². O Pai, Filho e Espírito Santo aparecem como tudo o que é Deus por natureza, mas também tudo o que é pessoal como centros distintos de autoconsciência.

b. Relações genuinamente pessoais. Não apenas a realidade pessoal de cada membro da Trindade é discernível, mas as pessoas divinas também aparecem em um relacionamento único entre si. O evangelho de João é particularmente revelador. O Filho e o Espírito estavam “com Deus”. Jesus vê o Pai (João 1:18; 3:11, 32; 5:19, 29, 37; 6:46; 8:38), ouve o Pai (3:32, 34; 5:30, 37; 7:17; 12: 49-50; 14, 10) e faz o que o Pai faz (5: 19-20; 6:38). O Espírito fala o que ouve e dá o que é do Filho (e do Pai) aos discípulos (16: 13-15; cf. 1 Cor 2: 10–13). O que quer que “ver”, “ouvir” e fazer “possa implicar em relação à Trindade imanente, os termos pelo menos transmitem um relacionamento dinâmico entre si.

Eles se conhecem e se distinguem. “Você não o conhece, mas eu o conheço porque sou dele e ele me enviou” (João 7:29; cf. 3:34; 8:55; 10:15; 17:25). Jesus conhece o Pai não porque ele é o Pai, mas porque ele tem profunda afiliação com o Pai. De maneira semelhante, “o Espírito de Deus” conhece o Pai e é conhecido pelo Pai (cf. 1 Cor 2: 11–13; Ef 2:18), assim como o mesmo “Espírito de Cristo” conhece o Filho e é conhecido pelo Filho (João 14:26; 15:26; Rm 8: 9). Assim, o Pai testifica do Filho (João 5: 36-37; 8:17), o Filho do Pai (3:11, 32; 17: 6, 26; 18:37) e o Espírito do Filho e o Pai (15:26; 1 Cor 2: 10–13; Gl 4: 6). À medida que o Espírito pousa sobre o Filho para testificá-lo em seu batismo (João 1: 32–33) e mais tarde será sua integridade (16: 8–15), o Filho apresenta o Espírito (3: 5–8), testifica de sua vinda (7:39; 14:16, 26; 16: 7-11, 13) e envia o Espírito (15:26; 16: 7; 20:22). Cada um deseja tornar o outro conhecido.

Escolha pessoal gratuita. As relações intra-trinitárias parecem não ser obrigatórias nem mecânicas, mas atos deliberados de vontade por parte de cada uma das três pessoas. As orações de Jesus, por exemplo, refletem distintamente o diálogo “Eu-Tu” e a livre submissão²³. “Pai, obrigado por me ouvires “ (João 1 1:41); “Agora meu coração está perturbado, e o que devo dizer? 'Pai, salve-me desta hora'? Não, foi exatamente por isso que cheguei a esta hora. Pai, glorifique seu nome!” (12: 27-28). Embora a evidência seja menos óbvia a respeito do Espírito Santo, e durante toda a dinâmica trinitária complexa, parece que todo membro da Deidade age de maneira pessoal e livre (3: 7–8; cf. 1 Cor 12:11).

Auto-renderização de amor. O Pai ama o Filho (João 3:35; 5:20; 15: 9; 17: 23-26) e o Filho ama o Pai (14:31). Jesus declara: “Eu procuro não agradar a mim mesmo, mas àquele que me enviou” (5:30), “Eu sempre faço o que lhe agrada” (8:29), “a razão pela qual meu Pai me ama é que eu deito vida. 1 ponho-o por minha própria vontade “(10: 17-18). Da mesma forma, o Pai se deleita em glorificar o Filho (8:50, 54; 13:32; 17: 1, 5, 22, 24), o Filho se deleita em glorificar o Pai (13: 31-32; 14:12; 17 : 1, 4; 18:19), e o Espírito se deleita em glorificar o Filho (16:14) e, portanto, o Pai. Longe do papel egoísta às vezes atribuído ao Pai, o Pai honra o Filho (5:23; 12:26), e o Filho honra o Pai (5:23; 8:49), de modo que sua honra e glória são inextricavelmente, unida de uns para os outros e transbordam para todos que creem (12:26; 13: 31-32; 17: 1, 22, 24). Como Moltmann argumenta de maneira convincente em *The Crucified God*, é o sofrimento e a morte de Jesus na cruz que separam a própria ideia do Deus hebreu e não tornam mais um Deus

unipessoal, muito menos aquele que é intransitável na maioria dos clássicos. Interpretações²⁴. O evangelho revira os céus para que a humanidade veja o amor doador entre o Pai, o Filho e o Espírito. Porém, com a reciprocidade do amor que se entrega a si mesmo, há outras dinâmicas que parecem visivelmente diferentes em relação à Trindade - como será observado na Parte Dois.

c. Cada um mora no outro. Na ocasião, no evangelho de João, Jesus declara: “o Pai está em mim e eu no Pai” (João 10:38; cf. 14:20; 17:11, 21-23). Uma passagem impressionante é João 14: 7-12, quando Filipe pede para ver o Pai, ao qual Jesus responde: “Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu estar entre vocês há tanto tempo? Alguém que me vê, vê o Pai ... Você não acredita que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? “ Tão presente é o Pai em Jesus que, sem confundir as pessoas, Jesus pode declarar que vê-lo é ver o Pai. Da mesma forma, o Espírito está em Jesus e mais tarde será descrito como o Espírito do Filho, o Espírito de Cristo. Contudo, o Filho é distinto do Espírito (4: 10-14; 7: 37-39; 14:16; 20:22), assim como o Espírito é do Pai (1 Cor 2: 10-13). Embora a ideia apareça nos Capadóciolos e em Máximo, o Confessor, é João de Damasco que emprega explicitamente o termo *perichöresis* para descrever a coerência ou habitação mútua dos membros da Trindade - um conceito expresso também pelo termo latino *circinensio*²⁵. Pressupor que, por razões racionais, como alguns modernos sustentam, uma pessoa não pode habitar outra parece estar aquém do retrato bíblico não apenas da Deidade, mas também da habitação de um ser humano pelo Espírito Santo ou, por esse assunto, um espírito maligno. É a *pericorese* - a interpenetração pessoal de cada membro da Deidade no outro por meio da atividade mútua de convite e habitação - que explica mais adequadamente como três autoconsciências também podem ser uma em consciência, pensamento, vontade e ação. Tão intrínseca é essa unidade pericorética que Deus age como um e os três. Embora cada pessoa possua propriedades mentais distintas e uma relação única com as outras, toda a Santíssima Trindade coexiste em harmonia corporativa e exaustiva²⁶. Embora não resolvendo o mistério, a doutrina da pericorese ajuda a explicar a unidade da mente divina e a vontade sem cair no modalismo ou no triteísmo, no qual parece que outras soluções caem.

Em resumo, como enraizado no Novo Testamento, um modelo social da Trindade é aquele em que o Ser divino existe eternamente como três centros distintos de consciência, totalmente iguais na natureza, genuinamente pessoais nos relacionamentos,

e cada um habitando o outro mutuamente. Atualmente, muitos teólogos bíblicos e sistemáticos abandonaram frases como os três “modos de ser” divinos de Bart ou as “maneiras de subsistência” de Rahner porque se mostram inadequadas para descrever as complexas e vívidas relações entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Se uma teoria social da Santíssima Trindade se encaixa no padrão bíblico, como argumentado acima, como é melhor entender as relações pessoais aparentemente ordenadas dentro da Trindade? Presume-se frequentemente que um modelo social inclua uma concepção democrática ou igualitária da Trindade imanente. De fato, essa suposição é quase endêmica em muitos círculos hoje. Mas essa teoria encontra ancoragem suficiente nas próprias Escrituras?

3 – PARTE DOIS: EVIDÊNCIAS BÍBLICAS PARA A ORDEM ETERNA NA DIVINDADE

Nas Escrituras, nem a igualdade ontológica dos membros da Divindade nem a habitação recíproca de cada um no outro necessariamente exclui uma ordem relacional eterna entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Os trinitaristas sociais que concordam amplamente com o modelo estabelecido na Parte Um dividem-se em torno de várias questões que são úteis para revisar antes de avaliar evidências bíblicas para a eterna ordem relacional divina.

3.1 - Divergência contemporânea entre os trinitaristas sociais

O trinitarianismo social pode ser diversificado. Quase todos concordam que a unidade divina deve ser entendida especialmente em termos de pericorese, um consenso histórico bastante incontestado no Ocidente e no Oriente (embora muitas vezes entendido de maneira diferente). Os modelos sociais contemporâneos da divindade dividem-se em torno de três questões principais, embora nem sempre perfeitamente.

a. O Pai como origem. Primeiro, a questão da monarquia essencialista do Pai: A divindade do Filho e do Espírito deriva do Pai? Tal posição é sugerida na descrição do Filho de Credo Niceno como “da substância do Pai”, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro. No entanto, fora da Ortodoxia Capadócia e de alguns trinitaristas contemporâneos como Richard Swinburne, a grande maioria dos trinitaristas

insiste que a resposta é “não”. Se a divindade é ontologicamente derivada de outra, então ela não pode ser finalmente igual à do Originador não-originado²⁷.

b. Igualdade ontológica e ordem social. A segunda questão está relacionada à primeira e à mais significativa em termos tanto da história do trinitarianismo quanto da presente discussão. Mesmo que o Filho e o Espírito não sejam essencialmente derivados do Pai, existe um sentido em que as pessoas da Trindade imanente possuem ordem social eterna - uma maneira característica de experimentar a *koinonia* divina? O Pai é, de alguma maneira, caracteristicamente central (embora sempre doador)? O Espírito Santo está sempre glorificando em sua atividade (assim como ele é o Senhor)? O Filho é sempre colaborador do lado do Pai (mesmo co-regente)? Essa cristandade do credo sempre confessou a eterna geração do Filho e a eterna processão do Espírito implica, mas não obriga uma ordem subordinada na divindade. Dos Capadócijs a John Owen, de Karl Barth a Avery Cardinal Dulles, alguma forma de ordem divina eterna foi frequentemente defendida e pode ser a perspectiva dominante de como a divindade, mesmo a divindade imanente, foi entendida pela maioria dos cristãos da história.

A posição inversa é atribuída a Agostinho por Pedro Lombardo nas Sentenças: “Como o Filho foi feito homem, então o Pai ou o Espírito Santo poderiam ter sido e poderiam ser agora”²⁸. Muitos interpretaram a afirmação para indicar que a paridade das substâncias divinas é absoluta, tanto quanto à natureza quanto à ordem; isto é, o Pai ou o Espírito poderiam ter se tornado homens, alternativos à encarnação do Filho. Para os trinitaristas igualitários, a diferenciação social eterna na Deidade é percebida como incompatível com a igualdade trina. Um salto da perspectiva teológica, portanto, é justificado desde a revelação econômica, que sugere hierarquia, até a divindade imanente, que não pode admitir hierarquia se houver uma verdadeira igualdade. Vários teólogos, até teólogos evangélicos, questionaram os textos tradicionais de prova bíblica para geração e processão eternas, argumentando sua relevância (no máximo) para a Trindade econômica²⁹. Mas se os termos específicos de “gerar tenacidade” e “processão” são eles próprios aplicáveis e maneira exegética - embora todo o cristianismo clássico os tenha assumido -, acho que isso não vem ao caso. A questão maior é se a revelação da Trindade econômica historicamente percebida como hierárquica reflete de fato o relacionamento ordenado final na Trindade imanente. Embora este artigo afirme a ordem eterna,

obviamente muitos concluíram que evidências históricas, se não bíblicas, sugerem o contrário.

c. Trindade se tornando no tempo. Uma questão final em nossa visão geral dos modelos sociais da Deidade é se alguém pode falar adequadamente de um imanente

Trindade. Deus é verdadeiramente três pessoas em eterna transcendência? Ou Deus é triunfante apenas em relação à criação? O conceito de Deus como Trindade está inextricavelmente ligado à história cósmica ou humana? Ou o Ser divino chega ao auto-desenvolvimento como Trindade no tempo - por exemplo, no *eschaton* ou no “ponto ômega”? Ou, novamente, como afirmam vários teólogos da moda, pode-se afirmar simultaneamente uma Trindade verdadeiramente imanente e, ainda assim, interpretar Deus como se fosse a Trindade? Assumindo uma mudança de paradigma Ao perceber a relação de Deus com o tempo, poucos teólogos hoje concebem a própria identidade de Deus se definindo na história - de fato, notavelmente, na história de nosso minúsculo planeta chamado terra³⁰.

Nossa preocupação específica é com a segunda pergunta: as pessoas da Trindade imanente podem possuir igualdade ontológica completa, mas também ordem social eterna? O que o testemunho bíblico pode indicar?

3.2 - Evidência bíblica para a ordem eterna na divindade

Como mencionado anteriormente, cerca de setenta textos no NT apresentam o Pai, o Filho e o Espírito Santo (ou termos equivalentes) juntos. Inquestionavelmente, os membros da Trindade têm diferentes funções primárias relacionadas ao mundo, por exemplo, na criação e salvação. Meus esforços são direcionados aos ensinamentos do NT que parecem abrir janelas além da economia da encarnação. Em nenhum sentido meu tratamento está completo³¹; antes, é admitidamente seletivo dentro do modelo social *pericorético* da Parte Um.

a. Adoção divina. Uma visão útil das relações intra-trinitárias é vista nos verbos gregos traduzidos “dar” (*didōmi e paradidōmi*). Isso ocorre 378 vezes no Testamento Grego, cerca de trinta vezes pertinente às relações trinitárias³². O padrão do NT é expresso em Tiago 1:17, “Todo presente bom e perfeito desce do alto, do Pai de Luzes. “Se o Pai é o Doador, o que ele dá? Em resumo, Deus Pai dá o nome ao Filho (João 17: 11-12;

Filipenses 2: 9-11), suas palavras e obras (João 5: 36; 12:49), autoridade (Mt 9: 6; 28: 18; João 17: 2), “vida em si” (João 5:26); julgamento (5:22, 27), seu domínio ou reino (Lucas 1: 31-33; Atos 13:34), “todas as coisas” (Mateus 11:27; Lucas 10:22; João 3:35; 13: 3), sofrimento (Mateus 26: 39-40; João 18: 11), glória (João 17:22), os discípulos (10:29; 17: 6-12; 18: 9), todos os crentes (6: 37-39 •, 10: 27-30 •, 17:24) e o Apocalipse (Ap 1: 1).

O que o Filho “dá” ao Pai? Jesus agradece ao Pai (Lucas 10:21; Mateus 26: 27–28; 1 Cor 11: 23–24); seu próprio espírito / vida (Lucas 23:46); e o reino escatológico (1 Cor 15, 24). Quanto ao Espírito Santo, em nenhum lugar os verbos acima são usados pelo Pai ou pelo Filho dando ao Espírito; nada é dito sobre ele receber. No entanto, Jesus diz sobre o Espírito: “Ele me trará glória, tirando do que é meu e tornando-o conhecido” (João 16:14). Também vemos que tanto o Filho como o Espírito são “dados” pelo Pai ao mundo e / ou aos crentes (Lucas 11:13; João 3:16; Rom 8:11, 14-17). Embora outras palavras também possam ser estudadas, *didömi e paradidömi* exemplificam a linguagem bastante típica do NT da atividade intra-trinitária, a linguagem evidenciada não apenas no Cristo encarnado dos Evangelhos, mas também no Filho ressuscitado e glorificado. Conclui-se que as relações econômicas entre o Pai, o Filho e o Espírito são tão patentemente diferentes (ou não igualitárias) quanto pessoais.

b. Linguagem joanina. A brevidade deste artigo não permite comentários estendidos sobre a linguagem tradicional de “gerar” e “processão”. Enquanto o significado primário das passagens relacionadas provavelmente diz respeito à Trindade econômica³³, os pais da Igreja estavam tentando descrever com linguagem bíblica o maior movimento no Deus eterno que eles estavam vendo nas Escrituras. Duas das frases mais repetidas no evangelho de João são que o Filho “vem / veio” (22 vezes) do Pai e novamente é “enviado por / de” (44 vezes) o Pai, acima ou no céu³⁴. Não somente o Filho “vem” do Pai, o Espírito da verdade também “vem” do Pai (15:26; 6: 7–8, 13), descrito como alguém que “sai” ou “procede” (*ekporeuetai*) do Pai (15:26). Embora *ekporeuetai* pareça mais propriamente indicar o envio do Espírito aos crentes pelo Pai³⁵, foi extrapolado como linguagem bíblica para ajustar-se a um padrão maior de parentesco com o Espírito-Pai - aquele que sempre sai do Pai, além de ser prometido, enviado ou inspirado pelo Filho. Muito bem, alguns podem argumentar, mas toda essa evidência apenas fala da divindade econômica. Meu argumento, simplesmente, é que nenhum texto indica qualquer outra ordem, como, por exemplo, o Pai sendo enviado pelo Filho. Deus

Pai é repetidamente apresentado como o *fons divinitatis*, a fonte divina da qual tudo mais flui na economia divina e, portanto, dentro das atividades trinitárias como um todo.

c. O apocalipse. Ário desejou excluir o livro de Apocalipse do corpus da Escritura, não apenas devido a dificuldades de autoria e do texto, mas também consciente de que ele ressentia o Filho com os títulos de Deus Todo-Poderoso. O livro avança para revelar a glória do Filho (cf. João 17: 5). No entanto, o Apocalipse começa com uma linguagem peculiar que contrasta abruptamente com as altas atribuições da divindade de Jesus no Evangelho de João: “A revelação de Jesus Cristo que Deus lhe deu para mostrar a seus servos ...” Apocalipse 1: 5b-6: “Àquele [Jesus Cristo] que nos ama e nos libertou de nossos pecados pelo seu sangue, e nos fez ser um rei dom e sacerdotes para servir seu Deus e Pai - para ele seja glória e poder para todo o sempre! Amém. “No livro de Apocalipse, o testemunho da divindade absoluta de Cristo é ambíguo no começo e amadurece somente no final (Ap 22:13). O lugar central do “Senhor Deus Todo-Poderoso” (Ap 4: 8) é mantido por toda parte como “aquele que se senta no trono”. O estudo de tronos no livro é instrutivo. O termo aparece como o lugar reinante do Pai cerca de trinta e cinco vezes. Contudo, como Vencedor, Jesus Cristo fala do “meu trono” (Ap 3: 21a) e, novamente, como “sentou-se com meu Pai no trono” (Ap 3: 21b). Duas vezes ele é visto “no centro”, diante do trono divino (Ap 5: 6; 7:17)³⁶ e a presença divina na nova terra é descrita como “o trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22: 1, 3; cf. 21: 5 O que isso pode indicar? Nesses títulos do Pai são atribuídos a Jesus (Ap 22:13), juntamente com seu reinado com Deus, a dedução dos pais da Igreja parece justificada: Jesus é “*muito Deus de muito Deus*”. Na mesma época, enquanto “Deus e o Cordeiro” compartilham glória, poder e autoridade, o papel do Pai continua como “o Senhor Deus Todo-Poderoso” (Ap 21:22). Atrás do Filho está o Pai que concede a mais alta honra a seu Filho - digna de ser inata, agora totalmente glorificada na e por toda a criação. Embora o Apocalipse continue com a revelação econômica de Deus no “céu” e na terra, é preciso perguntar até que ponto é apropriado afastar-se das implicações de tal linguagem para o Filho em relação ao Pai ao conceber a Trindade imanente? Certamente é necessária alguma descontinuidade em relação à subordinação do Filho. Mas a descontinuidade absoluta da teologia trinitária igualitária parece não ser justificada.

3.3 – Os fins de toda criação

Até onde posso ver, a última janela da história cósmica para o que pode ser vislumbrado pela divindade imanente é 1 Cor 15: 24-28:

Então chegará o fim, quando ele [o Filho] entregar o reino a Deus Pai, depois de destruir todo domínio, autoridade e poder. Pois ele deve reinar até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Pois ele “colocou tudo sob seus pés”. Agora, quando diz que “tudo” foi colocado sob ele, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que colocou tudo sob Cristo. Quando ele fizer isso, o próprio Filho ficará sujeito àquele que colocou tudo debaixo dele, para que Deus seja tudo em todos.

Embora alguns tenham interpretado “que Deus pode ser tudo” como trinitário, é sabido que *theos* em Paulo quase sempre designa o Pai, e há pouca evidência exegética para sugerir o contrário nesta passagem. Como está implícito nos textos anteriores sobre a reciprocidade divina, existe um sentido de ambos / e não de um ou de / no relacionamento do Filho com o Pai: na comunidade da Divindade, o Filho é igual a ainda submisso ao Pai. Pannenberg comenta: “O senhorio do Filho é simplesmente proclamar o senhorio do Pai, glorificá-lo, sujeitar-lhe todas as coisas. Portanto, o reino do Filho não termina (Lucas 1:33) quando ele devolve o senhorio ao Pai. Seu próprio senhorio é consumado quando ele submete todas as coisas ao senhorio do Pai e toda a criação honra o Pai como o único Deus”³⁷. No meu julgamento, o reinado do Filho sob a monarquia do Pai é visível em 1 Coríntios 15 reflete em certo sentido as relações trinitárias imanentes. Os suportes para livros de toda a ordem criada são constituídos de um lado pelo mandamento do Pai para a criação por meio do Filho e do Espírito (João 1: 3; Cl 1:16; Cl 1:16; Hb 1: 3; Sl 33: 6; etc.) e, por outro lado, pela consumação da ordem criada através do Filho e do Espírito (Ap 22:17) e seu retorno a Deus, o Pai.

Em resumo, os modelos sociais da Trindade imanente variam substancialmente, a maior tensão histórica existente sobre a existência de uma monarquia eterna sob Deus Pai ou se as pessoas trinitárias exercem, em última análise, papéis comuns. Desde dos Pais Capadócijs da eterna *Origem-geração Processão*, o análogo social de Agostinho do próprio amante-amado (ou, nesse caso, todos os seus modelos psicológicos) e o revelador-revelado-revelação de Barth, a história cristã repetidamente formou analogias de relações trinitárias com implicações imanentes. A evidência bíblica nos move dessa maneira afirmando repetidamente a hierarquia divina através da qual a Divindade se tornou

conhecida. Parece que quase tudo confirma a ordem trinitária e nada sugere de outra maneira.

4 – TERCEIRA PARTE: TRINITARISMO SOCIAL ETERNAMENTE ORDENADO

Eu defini um modelo social eternamente ordenado como o modelo social que, embora insistindo na igualdade da natureza divina, afirma a distinção pessoal de papéis dentro da divindade imanente. A proposta de um modelo social eternamente ordenado da Trindade tenta manter as disposições relacionais evidenciadas entre os membros da Trindade juntamente com a koinonia testemunhada pela Bíblia da eterna Trindade (João 1: 1). Em toda a teologia cristã clássica, a linguagem trinitária normativa inclui designações de origem, geração e processão - embora os próprios termos levem ao mistério (da mesma forma que poderiam, Deus sendo Deus). Dentro de teologias trinitárias especialmente modernas, no entanto, alguns argumentam que esses termos devem ser tomados apenas como econômicos e não podem ser tomados para implicar algo da ontologia divina. Esta última perspectiva, do meu ponto de vista, não avalia adequadamente a plenitude e a seriedade de toda a auto-revelação de Deus. Uma correspondência mais forte entre revelação econômica e nossa compreensão da divindade imanente sugere a preeminência generosa do Pai, a colaboração alegre do Filho e a atividade sempre ativa do Espírito - novamente, tudo dentro da auto-doação da comunhão divina. Essa proposta tenta respeitar a complexidade da auto-descrição de Deus nas Escrituras, mesmo que seja mais difícil para nós filosoficamente manter plena igualdade da natureza juntamente com diferenças eternas na ordem comunitária. Mas toda especulação de como Deus é na alteridade transcendente é perigosa, mesmo com o único fundamento seguro da Bíblia, e ainda mais sem ela.

Dentro da estrutura da ortodoxia, inúmeras versões de modelos sociais ordenados foram propostas ao longo da história cristã, algumas enfatizando uma assimetria considerável entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, outras quase nenhuma distinção pessoal. Deve-se observar que as implicações práticas humanas da natureza das relações trinitárias imanentes não são fáceis de discernir e estão fora do escopo deste artigo³⁸. Como controverso como os aplicativos podem ser, o assunto em questão é a nossa percepção real do próprio Deus. Este é um terreno sagrado. Juntos, suplicamos a graça do

Espírito Santo ao conceder a compreensão do Deus trino, para que não sejamos verdadeiros como Ludwig Feuerbach, formando Deus em nosso próprio ideal.

As partes um e dois estabeleceram tanto a relacionalidade amorosa da Trindade social quanto a ordem hierárquica da divindade que caracteriza a Trindade econômica em todas as relações com a criação. Várias observações finais estão em ordem.

4.1 - Atendendo à metanarrativa da revelação trinitária social

Das seis dúzias de textos que mencionam o Pai, o Filho e o Espírito Santo em várias combinações, muitos não parecem intencionalmente arranjos como uma teologia adequada (por exemplo, Mateus 28:19; 1 Cor 8: 4-7; Ef 1: 3-14.) A maioria parece casualmente expressiva da experiência tríplice com Deus da igreja primitiva. No entanto, embora as cronologias das pessoas divinas variem de texto para texto, e, embora as três pessoas possam, em certo sentido, estar presentes em todo ato divino, a Bíblia parece nunca admitir uma inversão da ordem. Certamente é dito nas Escrituras que afirmam a igual divindade do Filho e do Espírito ao Pai. Mas a raridade da divindade econômica parece em grande parte inviolável na própria Bíblia. Deus Pai reflete uma preeminência generosa. O Pai ama o Filho e dá tudo a ele, mas o Pai não fica vazio ou sem senhoria por ter dado todas as coisas por infinita plenitude. Atrás da monarquia de Jesus Cristo, o Rei dos Reis paira sobre a monarquia de Deus Pai Todo-Poderoso. Enquanto co-regente, o Filho é colaborador, recebendo o que é dado pelo Pai e regozijando-se na comunhão do Pai. O Filho também é totalmente Deus e exerce essa divindade, mas não há indícios da aposentadoria do Pai.

“A comunhão do Espírito Santo” parece mais complicada quando se volta para Deus. A designação de Santo Agostinho ao Espírito como dom e amor em divindade parece apropriada, se tomada como ativamente pessoal, mas esse Espírito também é santo e sempre serve para glorificar o Filho e o Pai. Embora o Espírito Santo possa ser “o Espírito de YHWH”, “o outro *parakleto*” e o revelador (ou a “revelação” de Barth) das profundas verdades de Deus, não há evidência em nenhum lugar, a meu conhecimento, de que o Espírito jamais exerceria autoridade sobre o Pai.

O fluxo parece constantemente do Pai através do Filho e do Espírito, e depois volta para o Pai através do Filho e no Espírito. Certamente, se a ordem pessoal é, em última análise, contingente ou externa ao próprio ser de Deus, as Escrituras forneceriam

evidências reveladoras, mas isso é ilusório. Antes da abundante metanarrativa de toda revelação divina, o ônus da prova recai sobre aqueles que afirmam algo diferente de uma ordem social na Deidade.

4.2 – O problema epistemológico

Embora o apelo comum seja a experiência e a tradição cristãs como fontes teológicas, em nossa confissão como evangélicos o único conhecimento infalível de que Deus é constituído como Trindade é através das Escrituras. Sem seguir uma trilha de coelho, digamos que a Bíblia nos fornece dados objetivos de que Deus existe como Pai, Filho e Espírito Santo³⁹, análogos como esses termos podem ser à realidade divina transcendente. Se todo o conhecimento infalível de Deus vem das Escrituras, e se a criptografia nunca contradiz o padrão que vimos da ordem trinitária, então com que base se afirma uma divindade imanente de uma ordem diferente ou nenhuma ordem? Dito de outra forma, se alguém detesta que toda revelação bíblica é econômica e, portanto, se apresenta apenas como uma estrutura para contemplar Deus infinito, então com que base temos conhecimento da Trindade imanente? Quais seriam os critérios para sua verificação além da estrutura da revelação? Razão e linguagem são, obviamente, essenciais para a compreensão. Interpretamos o texto dentro de nossos ambientes humanos, sempre limitados por limitações. O aviso aqui é que reconhecemos nossa finitude ao formar um trinitarianismo especulativo disjuntivo com os dados do texto. Os argumentos filosóficos de que uma verdadeira igualdade da natureza exige a igualdade última da ordem social não são racionalmente exigidos nem harmonizados com o autodesenvolvimento de Deus. Quando o raciocínio filosófico separa uma teologia da Trindade imanente da revelação da Trindade econômica, ela pode ter viajado para onde não ousamos ir⁴⁰.

4.3 – Perigos de uma divindade igualitária: colapso de distinções pessoais

Semelhante ao Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno-Constantinopolitano parece estabelecer uma hierarquia econômica trinitária. No entanto, à medida que a teologia continuou a evoluir, os conceitos da Trindade imanente e econômica tornaram-se cada vez mais difíceis de manter. Vimos que Gregório de Nissa rejeitou Basílio e Gregório Nazianzeno por localizarem a *ousia* divina no Pai, mas o jovem capadócio não escapou

de sua própria linguagem contínua de “origem”, “descendência” e “processão”. Da mesma forma, Agostinho foi observado às vezes afirmando que nada distinguia tangivelmente as três subsistências da Divindade, cada uma possuindo identicamente a única ousia, mas ele também retornava repetidamente à língua de origem⁴¹. Robert Jenson escreve:

“A suposição agostiniana de que não há conexão necessária entre o que diferencia as identidades trinas em Deus e a estrutura da obra de Deus com o tempo leva à falência cognitiva da doutrina da Trindade, pois ela destaca a linguagem sobre a identidade trina da única coisa que a fez. linguagem significativa em primeiro lugar: a narrativa bíblica⁴². As escrituras não dão indicação de que, por trás da hierarquia econômica, há uma escolha arbitrária de papéis trinitários (embora Deus seja certamente tão livre quanto ele é intencional). Não há indícios de que os três, em outras palavras, “joguem uma moeda” para ver quem fará o que, embora cada um seja completamente Deus. Nunca há indicação de que em algum tempo futuro ou em algum passado azul profundo, o Filho desempenhe o papel de Pai ou o Espírito Santo desempenhe o papel de Filho, mesmo que digamos que cada um mora no outro. A terminologia do credo de origem, criação e processo é reconhecidamente não satisfatória, mas despojá-la para uma espécie de triunvirato democrático não deixa relações distintas entre as pessoas divinas. Se cada membro é o principal em tudo, então a diferenciação real desaparece. Com sugestões de Rahner, Gerald O’Collins comenta,

A qualidade relacional da personalidade em Deus implica reconhecer que as três pessoas são pessoas de maneiras diferentes. Por causa da ordem de origem intradivina (em que o Filho e o Espírito Santo não são a origem do Pai), existe uma assimetria entre eles. Eles são ordenados um ao outro de maneira assimétrica. A doação do Pai, que é a condição do egoísmo do Filho, por exemplo, acontece de uma maneira que não pode ser revertida⁴³.

Um modelo social da Deidade que não reconhece a diferenciação eterna do Pai, Filho e Espírito Santo, baseado firmemente na revelação divina, perde facilmente toda distinção significativa. Um modelo igualitário da divindade imanente derruba distinções trinitárias. Por outro lado, um modelo social da Trindade eternamente ordenado argumenta que as atividades e os papéis de cada membro visível durante a revelação divina são analogamente correspondentes aos relacionamentos trinitários imanes.

4.4 - Perigos do subordinacionismo: univocalismo e perda de ágape trinitária

O subordinacionismo clássico é o arianismo e designa a desigualdade essencial entre as três pessoas. Isso é impedido pela minha definição da natureza divina como essência genérica, propriedade universal, atributos da divindade manifestada igualmente no Pai, Filho e Espírito Santo. O subordinacionismo da essência constitui uma heresia histórica fora de nossa discussão. No entanto, um subordinacionismo funcional exagerado também pode violar, não *os homoousios* de Deus, mas o caráter generoso de Deus visto em muitas passagens do NT que afirmam a doação e a reciprocidade divinas (Parte Um). Primeiro, portanto, uma subordinação funcional pode exagerar a hierarquia e minimizar a reciprocidade divina, incluindo a profunda bondade do Pai em relação ao Filho e ao Espírito.

Em segundo lugar, certos modelos tradicionais de uma divindade hierárquica certamente minimizam, para seu perigo, as diferenças entre a Trindade econômica e a Trindade imanente. Insistir na correspondência unívoca da Trindade econômica com a Trindade imanente erra o caminho, porque a própria Escritura (embora de natureza econômica) se abre além da história da criação. A revelação aponta além da mera economia para uma relacionalidade transcendente. A teologia trinitária deve unir o que está implícito em relação à divindade imanente, ao mesmo tempo em que é fiel ao padrão geral da revelação de Deus no tempo e no espaço.

No entanto, enquanto conhecemos a Trindade imanente por meio da revelação econômica, como Urs von Balthasar observou, é a Trindade imanente que fundamenta e apoia a economia: “Caso contrário, a Trindade eterna e imanente ameaçaria se dissolver no econômico; palavras, Deus seria absorvido no processo mundial ...⁴⁴ Uma correspondência muito estreita entre a divindade econômica e imanente pode distorcer uma visão suficiente do Deus trino - o governo de Rahner deu errado, seja por trinitaristas evolutivos que imergem a auto-realização divina na história da salvação ou por tradicionalistas que interpretam com demasiada rigidez os dados trinitários hierárquicos, desconsiderando as evidências bíblicas de reciprocidade divina. No final, as teorias sobre a Trindade imanente servem como redes pelas quais procuramos entender melhor a graça e a justiça do Deus trino no ser humano. Por mais majestosas e envolventes que algumas teorias possam ser, elas devem ser continuamente sujeitas e purificadas pelas leis bíblicas.

Portanto, embora as teorias da Trindade imanente não dupliquem simplesmente a Trindade econômica, elas refletirão a Trindade econômica em uma macroestrutura abraça que é fiel à Palavra de Deus.

4.5 - Rumo a um sentimento mais profundo de plenitude trinitária

a. Natureza e pessoa. Nossas distinções linguísticas entre “natureza” e pessoa “são artificiais diante de um Deus que, no ditado de Cornelius Van Til”, escolhe eternamente ser ele mesmo. “O Pai, o Filho e o Espírito Santo sempre escolhem ser eles mesmos em relação aos outros, isso de acordo com as disposições distintivas de cada pessoa, bem como a natureza unificadora da Deidade. Não apenas cada membro da Deidade é constituído por natureza e por escolha, mas também em relação recíproca: o Pai é o Pai em relação ao Filho e o Filho ao Pai. Portanto, Deus é trino por relacionamento, por escolha e por natureza. Portanto, em certo sentido, não há necessidade além daquilo que o Pai, o Filho e o Espírito Santo escolhem para sempre. Em outro sentido, Deus é perfeito na natureza, assim, o que Deus escolhe corresponde com a perfeição divina. Podíamos dizer que Deus é livre para ser perfeito para sempre, e isso como Trindade.

b. Colaboração ordenada. No meio da euforia do modelo social nas últimas duas décadas, que muitas vezes enfatizava relações divinas totalmente iguais, certos teólogos continuaram a perguntar em que sentido a economia do Filho e do Espírito revela relações eternas na Trindade imanente⁴⁵. Em um mundo decaído, o termo “subordinação” implica imediatamente hierarquia, autoridade de cima para baixo, poder sobre o outro, subjugação, repressão, desigualdade. É um termo provavelmente melhor abandonado quando se fala em relações divinas, particularmente se entendido como excluindo a volição mútua do Filho e do Espírito em qualquer atividade da Deidade. Mas, no momento, vou incluí-lo, independentemente de suas implicações negativas, no esforço de abordar o debate histórico

O próprio fato de que Deus se encarnou e como “homem-Deus” obedeceu, sofreu e morreu sugere algo além da mera economia. A revelação de nosso Senhor mergulha profundamente em nossa realidade através da encarnação e da cruz. O Filho nos mostra o amor de Deus Pai. Em Jesus Cristo, vemos a graça e o poder do Espírito Santo, mas como alguém que assumirá a obra do Filho no mundo. Mais precisamente, porém, a kenosis deve ser tomada como a revelação de si mesmo pelo Filho⁴⁶. Sua sujeição ao Pai

na história econômica (embora colaborativa) deve refletir algum senso de relacionamento eterno com o Pai. Da mesma forma, se a atividade do Espírito está finalmente revelando o próprio caráter do Espírito, então o que a Divindade divulgou no histórico de revelações deve se alinhar às inclinações intrínsecas das três pessoas como Trindade imanente. No NT, é claro, não apenas o Pai solicita o Filho, mas o Filho solicita ao Pai. Além disso, o Filho responde ao Espírito, como o Espírito respeita o Filho. No entanto, a grande estrutura das relações divinas parece inegavelmente hierárquica. Toda carta paulina no NT, por exemplo, saúda os leitores com bênçãos de “Deus nosso Pai” e “Senhor Jesus Cristo”; as mesmas epístolas afirmam a unidade ou der na divindade com frases como “a cabeça de Cristo é Deus” (1 Cor 11: 3). Portanto, ao detectar os padrões centrais das Escrituras, a mutualidade e a igualdade da Deidade (Parte Um) devem ser mantidas em tensão com a hierarquia social trinitária (Parte 2). Deus é amor, e cada pessoa da Trindade se doa mutuamente em relação à outra. No entanto, essas relações pessoais compartilhadas não excluem o que parece ser um padrão colaborativo.

c. Vida trinitária. Poderia a Santíssima Trindade eternamente experimentar dentro de sua própria vida interior o chamado a fazer simultâneo com a resposta ao fazer, o dar com o receber, tudo em unidade ordenada e em profunda confiança mútua? A resposta à chamada é experimentada em conjunto na Trindade, mas com diferentes papéis, pois cada pessoa exerce livremente seu caráter e desejos inatos. Cada um ama, cada um é auto-representativo, cada um serve, mas dentro de uma ordem harmoniosa que reflete as disposições do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim, decreto e obediência podem ser pensados ao mesmo tempo em Deus - uma ordenação e subordinação livres e estimadas - atividade dificilmente concebível em um mundo decaído, mas profundamente bela na confiança trina. Este artigo sustenta, então, que a Trindade econômica, a Trindade da revelação bíblica, aponta para uma extraordinária abundância nas relações características da eterna *koinonia* divina. E, pelo contrário, insistindo em papéis igualitários eternos que contrastam com a economia divina da Bíblia, podemos, em vez de honrar o Filho e o Espírito, desagradá-los.

CONCLUSÃO

A presente proposta, nada estranha à fé cristã na história, é uma tentativa de conjugar melhor nossa ideia de Deus fora da criação com a revelação de Deus dentro da criação. Eu defini um modelo social eternamente ordenado da Trindade como o modelo social que, embora insistindo na igualdade da natureza divina, afirma distinção perpétua de papéis dentro da divindade imanente. Baseado na segunda parte, tal perspectiva em termos simples sugere a preeminência generosa do Pai (*a monarchia*), a colaboração alegre (subordinação) do Filho, e a atividade sempre glorificando do Espírito⁴⁷. No entanto, como apresentado na Parte Um, essa definição deve estar junto com a doação e a reciprocidade infinitamente ricas da Divindade: o modelo social da Trindade designa que o único Ser divino existe eternamente como três centros distintos de consciência, totalmente iguais em natureza, genuinamente pessoais nos relacionamentos, e cada um residindo mutuamente no outro. As duas definições não são contraditórias, mas tentam enquadrar melhor o mistério das relações trinitárias. Por um lado, os trinitarianos “igualitários” enfatizam com razão as relações pericoréticas e autoritárias da Divindade, mas minimizam erroneamente o padrão bíblico de distinções internas entre as pessoas, com suas implicações em relação à Trindade imanente. Por outro lado, os trinitaristas “subordinacionistas” percebem corretamente que as relações econômicas do Pai, Filho e Espírito Santo carregam implicações para a divindade eterna, mas muitas vezes erro ao presumir correspondência unívoca com a Trindade imanente ou ao negligenciar o testemunho bíblico sobre os benevolentes, reciprocidade das pessoas trinitárias.

Minha principal afirmação é que as especulações da teologia trinitária não devem substituir a revelação. Antes, o mistério divino deve ser enquadrado na verdade decididamente bíblica. Se as Escrituras afirmam e não são contraditórias a um trinitarianismo social eternamente ordenado, os esforços para apresentar uma Deidade igualitária são equivocados. Certamente verdades radiantes podem ser discernidas a partir dos modelos sociais da Trindade para nossa compreensão do eu e dos relacionamentos interpessoais. No entanto, argumentos filosóficos de que a verdadeira igualdade da natureza exige igualdade de ordem são um equívoco dos dois. Para aqueles que, além disso, projetariam suposições ocidentais a respeito da igualdade e da liberdade de remodelar Deus em ideais democráticos, precisamos insistir que a Palavra de Deus julga a cultura e não vice-versa. Por outro lado, aqueles que, com base em um modelo

hierárquico da Trindade, justificam a opressão política ou o governo masculino independente em contextos familiares e eclesiais, não compreendem a natureza egoísta do Pai, bem como do Filho e do Espírito.

As duas imagens da divindade cristã, a econômica e a imanente, geralmente deixam os crentes confusos. Nas pinturas renascentistas ocidentais, como *A Santíssima Trindade* (1425), de Masaccio, muitas vezes é retratado Deus Pai segurando seu Filho moribundo por trás da cruz com o Espírito saindo da boca como uma pomba. Na Igreja Oriental, a renomada Trindade do Antigo Testamento de Rublev (1410–20) retrata três figuras quase iguais, cada uma com a cabeça adiada levemente para a próxima ao redor do cálice no centro⁴⁹. As pessoas divinas são distinguíveis ou virtualmente idênticas? Mesmo quando repetimos a declaração do Concílio de Florença (1438-1445) de que “nenhum deles precede os outros na eternidade, ou os excede em grandeza ou sobrevir no poder”⁵⁰, ainda provavelmente oramos ao Pai, através do Filho, no Espírito Santo. A Trindade imanente da teologia pode parecer bastante distante da Trindade econômica da Bíblia e da prática cristã. Meu esforço tentou estreitar nossa apreciação por um modelo social da Trindade, juntamente com o padrão bíblico dos relacionamentos divinos ordenados.

NOTAS:

1 - Scott Horrell é professor de teologia no Seminário Teológico de Dallas, 3909 Swiss Avenue, Dallas, 75204. O texto foi publicado em *JETS* 47/3 (setembro de 2004) p. 399-421.

2 - Embora de origem problemática, o Credo Niceno-Constantinoplano é o texto recebido de Calcedônia, em 451 d.C. citado como o Credo “(dos 318 Pais que se reuniram em Nicéia e dos) 150 que se conheceram mais tarde”. Diferentemente do Credo Niceno de 325 d.C., “o símbolo do Concílio de Constantinopla” já aparece em 374 d.C. em Epifânio, *Ancoratus* 118. Estranhamente, os Atos do Conselho de Constantinopla (381 d.C.) não mencionam o Credo nem existem documentos oficiais do Constantinopolitano através das décadas seguintes até meados do século V.

3 - Como discutido mais adiante, hesito em usar o termo “subordinação”, na medida em que é totalmente carregado com conotações de patriarcado e heresia. Embora inadequado, ele refaz a linguagem da discussão moderna e, portanto, está incluído.

4 - Quase toda discussão teológica recente volta à afirmação de Karl Rahner de que a Trindade Imanente é a econômica, e a econômica é Trindade Imanente (*The Trinity*, New York Crossroad, 1997) 80-120, esp. 99-103. Veja a útil divisão do trinitarianismo moderno em torno da fórmula de Rahner. Em Fred Sanders, “Entangled in the Trinity: Economic e Imanent Trinity In Recent Theology”, *Dialog* 40/3 (2001) 175–82.

5 - Se a revelação bíblica é final, é de esperar que, dentre as centenas de obras sobre o Deus Cristão, relativamente poucas tenham prestado atenção às evidências textuais em outras literaturas. Obras com tratamento substancial da escultura incluem George A. F. Knight, uma abordagem universal do Documento

de Deus. *The Trinity* (Edinburgh Obver & Boyd, 1953); Arthur W. Wainwright, *The Trinity In New Testament* (London SPCK 1962); Royce Gordon Gruenler, *The Trinity in the Gospel of John: A Thematic Commentary on the Fourth Gospel* (Grand Rapids Baker, 1986); Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids Zondervan, 1994) 226-62, Millard J. Erickson, *God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity* (Grand Rapids Baker, 1995) 159-210; Peter Toon, *Our Triune God: A Biblical Portrayal of the Trinity* (Wheaton Bridgepont/Victor, 1996); Gerald O'Collms, *The Tripersonal God: Under standing and Interpreting the Trinity* (Mahwah Pauhst, 2000) 11-82; John S Feinberg, *No One Like Him: The Doctrine of God* (Wheaton Crossway, 2001) 443-71; e, com uma teologia bastante clara, Ben Withermgton III e Laura M. Ice, *The Shadow of the Almighty: Father, Son and Spirit in Biblical Perspective* (Grand Rapids Eerdmans, 2002).

6 - Rahner, *The Trinity* 50-55, explica que “embora uma explicação lógica possa se tornar para nós um dogma imutável, vemos que, mesmo assim, difere qualitativamente da Escritura. Além disso, não apenas na medida em que vincula validamente nossa fé, mas também por Sua interpretação e interpretação, essa fórmula sempre se volta para as palavras das Escrituras (ou da tradição orgânica)” (p. 54).

7 - Gregory of Nazianzus, Oration 23.2 [N. T. Apesar do texto trazer o nome conhecido desse Pai, Gregório de Nazianzo, ele também é chamado de Gregório Nazianzeno, nas referências preferimos manter a nomenclatura em inglês para efeito de facilitar a pesquisa].

8 - Gregory of Nazianzus, Oration 29 2 “a pessoa muda eternamente para duas e para às três - significando o Pai, o Filho e o Santo Espírito. De uma maneira serena, não temporal, incorpórea, o Pai dos pais”. descendência ‘e originador da’ emanção ‘- ou qualquer nome que se possa aplicar quando extrapolar completamente as coisas visíveis “No entanto, Gregório lutou com as implicações de sua teoria (cf. n. 26). Veja também Thomas Hopko,” *The Trinity In the Cappadocians*, “*Christian Spirituality Origins to the twelfth Century* (ed. Bernard McGinn, John Meyendorff e Jean Leclercq, New York Crossroad, 1989) 263-70.

9 - Um teólogo ortodoxo moderno com muito a dizer sobre a essência divina é Dumitru Stanilaoe, *The Experience of God: Orthodox Dogmatic Theology* (2 vols.; Brookline, MA: Holy Cross Orthodox Press, 1994) 1.141-244. Veja discussão adicional em William P. Alston, “*Substance and the Trinity*,” in *The Trinity* (ed. Stephen T. Davis, Daniel Kendall e Gerald O'Collins; Oxford: Oxford University Press, 1999) 179-201.

10 - Muitos traçam o pano de fundo filosófico dos significados de *ousia* / *substância* para Aristóteles, *On the Heaven*, cf. 279a 19-30. O papa João Paulo II, enquanto defensor articulado da teologia trinitária, permanece essencialmente tomista em sua visão das pessoas como substâncias relacionais da essência divina. Ver Antoine E. Nacheff, *The Mystery of the Trinity in the Theological Thought of Pope John Paul II* (Nova York: Peter Lang, 1999) 171-98.

11 - Colin E. Gunton, *The One, the Three and the Many: God, Creation and the Culture of Modernity* [O Um, os Três e os Muitos: Deus, a Criação e a Cultura da Modernidade] (Cambridge: Cambridge University Press, 1993); veja Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom: The Doctrine of God* [Em português. *A Trindade e o Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*, Petrópolis. Vozes 2ª ed. 2011.] (San Francisco: Harper & Row, 1981) 129-222. Vários comentaristas recentes apresentam suas críticas de Agostinho como menos do que equilibrada.

12 - Hans Urs von Balthasar, “*On the Concept of Person*” [Sobre o conceito de Pessoa], *Communio* 13/1 (1986) 18, comenta, “Poucas palavras têm muitas camadas de significado como pessoa. Na superfície iss/o apenas significa qualquer ser humano ser, qualquer indivíduo quantificável. Seus mais profundos sentidos, no entanto, apontam para o indivíduo singularidade que não podem ser intercambiados e , portanto, não pode ser contado. a complexidade da história da palavra, quase impossível para desvendar, corresponde a esta multiplicidade de significados, e quase desde o início deste a história reflete os vários aspectos do significado da palavra que não podem ser sintetizados “.

13 - Veja o extraordinário estudo de Stephen A. Hipp, “*Person*” in *Christian Tradition and in the Conception of Albert the Great: A Systematic Study of Its Concept and Illuminated by the Mysteries of the Trinity and the Incarnation* [“Pessoa” na tradição cristã e na concepção de Alberto, o Grande: um estudo sistemático de seu conceito e iluminado pelos mistérios da trindade e da encarnação] (Munster:

Aschendorff, 2001); e sobre concepções pós-modernas, ver Stanley J. Grenz, *The Social God and the Relational Self: A Trinitarian Theology of the Imago Dei* [O Deus Social e o Eu Relacional: Uma Teologia Trinitária da Imago Dei] (Louisville: Westminster John Knox, 2001).

14 - Aqui falo da personalidade de Deus e apenas em um sentido derivado seu significado ideal para a humanidade. Isto é não para negar que um embrião ou um paciente morrer de demência é uma pessoa, ou para sugerir que ela ou ele é menos uma pessoa do que outra. No entanto, implica que nem é ideal nem realizado como imago dei. A realidade material da humana personalidade continua através de toda a sua vida, mas esta experiência e relação podem variar de cumprimento. Biblicamente, cada pessoa é projetada para autoconsciência e relacionamento.

15 - Vladimir Lossky, *A Teologia Mística da Igreja Oriental* (Londres James Clarke, 1957)

16 - Leonard Hodgson, *The Doctrine of the Trinity, Croall Lectures, 1942-1943* (Nova York, Charles Scribner's Sons, 1944)

17 - No entanto, Gary W. Deddo, em *Theology of Relations*, de Karl Barth, *Trinitarian, Christological e Human Towards a Ethic of the Family* (Nova York Peter Lang, 2001) 18-35, argumenta (acho convicentemente) que, embora Barth resista à linguagem das três “pessoas “ele *de facto* implica fortemente “pessoas “ para ele discutir as relações divinas e a perichôresis

18 - Embora variem consideravelmente, os operadores sociais incluem John Macmurray, *People In Relation* (Nova York Harper & Row, 1961); Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom: The Doctrine of God* (San Francisco Harper & Row, 1981); Leonardo Boff, *Trinity e Society* (Wellwood, Kent Burns & Oates, 1988); David Brown, *The Divine Tririnity* (Londres Gerald Duckworth, 1985); Catherine Mowery LaCugna, *God For Us: The Trinity and Christian Life [Deus para nós: Trindade e vida cristã]* (San Francisco Harper Collins, 1991); Cohn E. Gunton, *The One, the Three and Many God: Creation and the Culture of Modernity* (Cambridge, Cambridge University Press, 1993); Gunton, *The Promise of Trinitarian Theology* (2ª ed, Edinburgh T & T Clark, 1997), John D. Zizoulas, *Being como Communion: Studies in Personhood and the Church [Ser como Comunhão: Estudos da Pessoa e da Igreja]* (Crestwood, NY Sermnary Press de St. Vladimir's, 1993), Richard Swmburne, *The God Christian [O Deus cristão]* (Oxford Clarendon, 1994), Stanley J Grenz, *Theology For community of God [Teologia para a comunidade de Deus]* (Nashville Broadman & Holman, 1994); Grenz, *the Social God and the Relational Self: A Trinitarian Theology of the Imago Dei [o Deus Social e o Eu Relacional: Uma Teologia Trinitária da Imago Dei]* (Louisville Westrmnster John Knox, 2001), Millard J. Erickson, *God in Three Persons: A Contemporary Interpretation of the Trinity [Deus em Três Pessoas: Uma Interpretação Contemporânea da Trindade]* (Grand Rapids Baker, 1995), Miroslav Volf, *After Our Likeness: The Church as The image of the Trinity [Depois de nossa semelhança: A Igreja como a imagem da Trindade]* (Grand Rapids Eerdmans, 1998), Ted Peters, *The World's Future: Systematic Theology for a New Era [O Futuro do Mundo: Sistemático Teologia para uma nova era]* (2ª ed., Minneaplis Fortress, 2000), Kevin Giles, *The Trinity and Subordinationism: The doctrine of God and the Contemporary Gender Debate [A Trindade e o Subordinacionismo: A Doutrina de Deus e o Debate Contemporâneo de Gênero]* (Downers Grove InterVarsity, 2002); e William Lane Craig e J. P. Moreland, *Philosophical Foundations For a Christian Worldview* (Downers Grove InterVarsty, 2003); esp. 586-95.

19 - Críticas ao modelo social são encontradas em Claude Welch, *In This Name: The Doctrine of the Trinity in Contemporary Theology [Neste nome: A Doutrina da Trindade na Teologia Contemporânea]* (New York Charles Scribner's Sons, 1952); T. W. Bartel, “Could There Be More Than One Lord?” *Faith and Philosophy* 11/3 (July 1994) 357—78, Sarah Coakley, “‘Persons’ In the ‘Social’ Doctrine of the Trinity A Critique of Current Analytic Discussion,” In *The Trinity* 123—44, Bnan Leftow, “Anti-Social Trinitarianism,” In *The Trinity* 203—49, and Richard Cross, “Two Models of the Trinity” *HeyJ* 43/3 (2002) 275-94

20 - Arthur W. Wainwright, *The Trinity in New Testament [A trindade no Novo Testamento]* (Londres: SPCK, 1962) fala de cerca de quarenta casos da Divindade mencionados juntos no NT. De fato, existem consideravelmente mais.

21 - Veja (Pai) Marcos 1:11; João 1:33; Ap 1:17; (Filho) João 8:58; 10:30; 14:20; 17: 4; Atos 9: 5; Ap 1:17; 22; 13; (Espírito) Atos 10:20; 13: 2. Estou em dívida para Klaus Issler sobre este ponto como bem como Michael O'Carroll, *Trinitas: A Theological Encyclopedia of the Holy Trinity* [Trinitas: Uma Enciclopédia Teológica da Santíssima Trindade] (Wilmington: Michael Glazier, 1987) 179; também Erickson, Deus em Três Pessoas 209-10, por precauções em relação aos textos “eu sou” como prova da divindade.

22 - João Calvino, *Institutas da Religião Cristã* 1.13.1 4.

23 - Ver também João 5:17, 22, 26; 8:26; 14: 3.

24 - Jürgen Moltmann, *The Crucified God: The Cross of Christ as the Foundation and Criticism of Christian Theology* [Em português: O Deus Crucificado: A Cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã, Santo André, Academia Cristã, 2014] (Londres: SCM, 1974) 200-290; ver de Richard Creel, *Divine Impassibility* [Divina impassibilidade] de (Cambridge: Cambridge University Press, 1986) para discussão de oito interpretações históricas da divina impassibilidade.

25 - O sentido trinitariano de pericorese também é encontrado no final do quinto século, Pseudo-Dionísio, o Areopagita, sobre o nome divino 2.4. João de Damasco, *De Fide Orthodoxa* 1.8: “Porque, como dissemos, eles são feitos um não para se misturar, mas para se apegar um ao outro sem coalescência ou mistura. Nem o Filho e o Espírito se separam, nem são fragmentados em essência ... “Veja também Verna Harrison,” *Pericorese* nos Pais Gregos “, St. Vladimir’s Theological Quarterly 35/1 (1991) 53-65; e O’Carroll, “Circumincission”, *Trinitas* 68-69. A circunscrição (de insere) enfatiza a permanência da realidade e o descanso; A circuncisão (de incedere) capta a circulação dinâmica da vida trinitária de cada um para os outros: “O primeiro apela mais à mente latina, que pensa primeiro na essência divina, a segunda no grego, que começa nas pessoas, suportada uma pela outra. eternamente, irresistivelmente, por sua própria identidade como relações subsistentes “(p. 69).

26 - O Credo Atanasiano diz: “O Pai é Onipotente, o Filho Onipotente, e o Espírito Santo Onipotente, e, no entanto, eles não são três Onipotentes, mas um Onipotente”. Pode também ler: “O Pai é onisciente, o Filho onisciente e o Espírito onisciente, e, no entanto, eles não são três oniscientes, mas um onisciente”. A onisciência pertence à natureza divina, mas cada membro estabelece esse atributo. Portanto, três pessoas são autoconscientes (cada uma tem uma mente) e oniscientes (sabem todas as coisas), e isso de maneira mútua e exaustiva, sem confusão de pessoas (a autoconsciência de cada uma).

27 - Gregório Nazianzeno lutou com as implicações de sua própria posição, particularmente antes do arianismo, contra o qual estava lutando: “Gostaria de chamar o Pai de maior, porque Dele flui a igualdade e o ser dos iguais, mas tenho medo. para usar a palavra Origem, para que eu não devo fazer dele a origem dos inferiores e, assim, insultá-lo por precedências de honra. Pois o abaixamento daqueles que são dEle não é glória para a Fonte. “Oration 40 [On holy Baptism] .43, em Lossky, *The Mystical Theology of the Eastern Church* 63. Ver Swinburne, *The God Christian*, e Jenson, *Systematic Theology* 1.110-14, que fala da *ousia* como a única “pessoa” de Deus e redefine a hipostase como “identidades” divinas sempre distintas, empregando categorias ocidentais de identidade corporativa.

28 - Frases 3.1.3 citadas em Jenson, *Systematic Theology* 1.112.

29 - Por exemplo, Wolffhart Pannenberg, *Sistematic Theology* [Em português; Teologia Sistemática, Santo André / São Paulo. Academia Cristã/Paulus 2009. 3 vols.] (3 vols.; Grand Rapids: Eerdmans, 1991-1997) 1.305-7; Erickson, *God in Three Persons* 309; Feinberg, *No One Like Him* 488-92.

30 - As obras a seguir afirmam alguma forma de uma Divindade imanente, mas a ligam ao "tornar-se" de Deus como Trindade econômica com realização (ou auto-atualização divina) no eschaton: Eberhard Jüngel, *The Doctrine of the Trinity. God's Being Is in Becoming* [A Doutrina da Trindade. O Ser de Deus Está Se Tornando] (Edimburgo: Scottish Academic Press, 1976); idem, *God as the Mystery of the World. On the Foundation of the Theology of the Crucified One in the Dispute between Theism and Atheism* [Deus como o mistério do mundo. Sobre o fundamento da teologia do O Crucificado na Disputa entre Teísmo e Ateísmo] (Grand Rapids: Eerdmans, 1983); Moltmann, *The Trinity and the Kingdom*; idem, *The Coming of God: Christian Eschatology* (Minneapolis: Fortress, 1996); Robert W. Jenson, *The Triune Identity: God According to the Gospel* [A Identidade Trina: Deus Segundo o Evangelho] (Philadelphia: Fortress, 1982); idem, *Teologia Sistemática*; Bruno Forte, *The Trinity as History: A Trindade como História: Saga of the*

Christian God (Nova York: Alba House, 1989); Boff, Trinity and Society; LaCugna Deus para nós; Ted Peters, GOD as Trinity: Relationality and Temporality in Divine Life (Louisville: Westminster John Knox, 1993); idem, Deus - O Futuro do Mundo.

31 - Outros preferem não falar de categorias ontológicas de um Estado, pelo menos em qualquer sentido clássico, mas atribuem alguma revelação tríplice à história Norman Pittenger, *The Divine Trinity* (Philadelphia United Church Press, 1977), Kathryn Tanner, *Jesus, Humanity and the Trinity: A Brief Systematic Theology* (Minneapolis Fortress, 2001).

32 - Para discussão e visões contrárias, ver Benjamin Breckenridge Warfield, “The Biblical Doctrine of the Trinity” em *Biblical and Theological Studies* (ed Samuel G. Craig, Philadelphia Presbyterian & Reformed, 1952) 50-55, Leonardo Boff, Trinity and Society 137-47, Erickson, *God In Three persons* 291-310, e Giles, *The Trinity e Subordination*, que surpreendentemente descarta a possibilidade de exegese bíblica como adequada para a compreensão evangélica das relações trinitárias (p. 25).

33 - *Didōmi e paradidōmi* ocorre 78 vezes no Evangelho de João (17 vezes no Cap. 17), 18 por cento de todos os usos no NT, outras 58 vezes no Apocalipse, e 7 vezes Em 1 João. Estou dívida aqui com o trabalho do meu ex-aluno Jimmy Taylor.

34 - Várias vezes a Bíblia registra a voz do Pai: “Você é meu Filho”, e frequentemente acrescenta a frase: “hoje eu me tornei seu Pai”, no tempo presente; veja Sl 2: 7 em Mt 3:17; 17: 5; Marcos 1:11; Lucas 3:22; 9:35; Atos 13:33; Hb 1: 5; 5: 5; 2 Pedro 1:17, 1 8. No Evangelho de João, Deus é designado Pai (121 vezes) e Jesus, o Filho. Pensa-se em um pai que gera ou gera um filho; portanto, pode ser natural que os *monogenēs* (“único”) sejam confundidos pelos Padres com os *monogenetos* (do *gennaō*, “gerar, suportar”).

35 - Ver textos- chave para “enviados”: João 5: 23-24, 37-38; 6: 38-39; 7: 28-33 ; 8: 16-18; 12: 44-45, 49; 14:14, 16; 16: 5, 7; 17: 21-25; 20:21; “vem / vem”, 5:31; 6: 38-42, 50-51; 8:39, 42; 15: 27-30; 18:38. Adicionado a isso são as doze vezes quando a mesma idéia é implícita como Jesus entra “para o mundo”, etc. O Conselheiro também é “enviado pelo” Filho (15:26; 16: 7) e pelo Pai em nome de Jesus (14:26). Pannenberg, *Systematic Theology* 1.307-19, observa que, embora esses termos sejam particularmente econômicos, a fórmula de Rahner sugere fortemente distinções eternas e mutuamente dependentes da ordem que Pannenberg tenta realizar.

36 - Carson, João 5.29, observa a respeito de João 15:26: “seria fácil para ele descartar o debate como muito barulho sobre nada, uma vez que é quase certo que as palavras ‘que vai sair a partir do Pai,’ colocado em paralelismo sinônimo com ‘a quem eu enviarei a você do Pai’, não se refira a alguma ‘procissão’ ontológica, mas à missão do Espírito. Mas se o debate teológico é divorciado do significado desta cláusula e é permitido por si só, torna-se claro que enormes questões estão em jogo, afinal, mas estavam erroneamente ligadas à interpretação dessa cláusula, resumindo, os elementos de uma doutrina completa da Trindade surgem repetidamente no Quarto Evangelho; e a afirmação inicial do credo, completa com a frase filioque, é eminentemente defensável, uma vez que permitimos que essa cláusula em 15:26 não especifique ela própria um certo status ontológico, mas se junte à matriz da cristologia joanina e da pneumatologia para pressupor isso.

37 - Os termos são ambíguos (*en mesō, ava meson*) e podem denotar o meio da área do trono; em ambos os textos há atividade imediata do Cordeiro em relação ao Aquele que se senta no trono.

38 - Pannenberg, *Systematic Theology* 1.313. No entanto, tendo afirmado a eterna “proscendência” do Filho pelo Pai, Pannenberg, então, sem garantia bíblica, pressiona demais a mutualidade divina: “Ao entregar o senhorio ao Filho, o Pai torna seu reinado dependente se o Filho o glorifica e cumpre seu senhorio cumprindo sua missão. A auto-distinção do Pai do Filho não é apenas o fato de ele gerar o Filho, mas de lhe entregar todas as coisas, de modo que seu reino e sua própria divindade agora dependem o Filho. O governo do reino do Pai não é tão externo à sua divindade que ele possa ser Deus sem o seu reino” (“*ibid.*”).

39 - Implicações do trinitarismo para a ordem conjugal, familiar, eclesial e social são temas frequentes, de Grudem, *Systematic Theology* 248-58 e Hans Urs von Balthasar, *Theo-Drama: A Theology Dramatic theory*, vol. 3: *Dramatis Personae: Persons in Christ* (San Francisco: Ignatius, 1992) 283-360, para feminista

Elizabeth A. Johnson, *She Who Is: The Mystery of God in Feminist Theological Discourse* [Quem é ela: O Mistério de Deus no discurso teológico feminista] (New York: Crossroad, 1992); Ray S. Anderson, *The Shape of Practical Theology: Empowering Ministry with Theological Praxis* [A forma da prática Teológica: Capacitando Ministério com Práxis Teológica] (Downers Grove: InterVarsity, 2001) 35—131; Giles, *The Trinity and Subordinationism*; e Gavin D’Costa, *Sexing the Trinity: Gender, Culture and the Divine* (Londres: SCM, 2000). Entre os que afirmam a eterna subordinação do Filho, mas negam sua relação com a ordem de gênero na família e na igreja, está Craig S. Keener: “Is Subordination Within the Trinity Really Heresy? A Study of John 5:18 in Context.” *TrinJ* 20/1 (1999) 39-51. Por outro lado, outros como William Lane Craig negam qualquer subordinação eterna do Filho, mas afirmam o complementarismo.

40 - Outros títulos, de claro, também descrevem as três pessoas da Trinity, nomeadamente as alocações paulinas de “Deus”, “Senhor” e “espírito”; Entendo-os como complementares aos termos familiares favorecidos por Jesus e João, e totalmente ligados ao Pai, Filho e Espírito Santo. Para uma útil, caudatária discussão ver Erickson, *Deus em três Pessoas* 300-305.

41 - Retoma interesse em apofatismo está contra o modernismo ocidental com a sua às vezes arrogante racionalismo. Veja Oliver Davies e Denys Turner, eds., *Silêncio e a Palavra: Teologia Negativa e Encarnação* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), especialmente Rowan Williams, “As Deflexões do Desejo: Teologia Negativa na Divulgação Trinitária” 115-35.

42 - Agostinho, *The Trinity* 2.3: “não que o Filho seja menos que o Pai, mas que ele é do Pai. Isso não implica nenhuma escassez de igualdade, mas apenas seu nascimento na eternidade” (2.3); “Chegando agora ao Pai, ele é chamado o Pai relacionamento-wise, e ele é também chamado de relacionamento-wise origem, e talvez outras coisas também. Mas ele é chamado de Pai com referência ao Filho, origem com referência a todas as coisas que são dele” (5.14); “Mas para voltar para as relações mútuas dentro da trindade: se o produtor é a origem com referência ao que ele produz, então o Pai é origem com referência ao Filho, porque ele o produziu ou gerou. Mas se o Pai é originário em relação ao Espírito Santo, porque é dito que ele procede do Pai (João 15:26), isso é uma pergunta e tanto. Se assim for, então ele será a origem não apenas do que ele gera ou faz [o Filho], mas também do que ele dá [o Espírito]” (5.15).

43 - Jenson, *Systematic Theology* 1.112. Certas passagens de agostinho se inclinam contra a acusação de Jenson, que pode ser mais direcionada a Tomás de Aquino.

44 - O’Collins, *The Tripersonal* 179; veja Rahner, *The Trinity* 23.

45 - Urs von Balthasar, *Theo-Drama* 3.508.

46 - Rahner, *The Trinity* 21—30, 34—38; Pannenberg, *Systematic Theology* 1.308—27; Grenz, *Theology for the Community of God* 86—88; Jenson, *Systematic Theology* 1.108—14; Peters, *God—The World’s Future* 110—14; enquanto as respostas podem variar, cada uma vê distinções eternas na divindade.

47 - Eu acho que isso pode ser defendido se alguém entende a encarnação do Filho no sentido tradicional das duas naturezas de Cristo, funcionando em harmonia (em uma pessoa singular) ou no sentido kenótico de possuir uma divindade plena, mas nunca exercendo a natureza divina. Em ambos os casos, o Filho escolheu voluntariamente a submissão, revelando assim sua disposição em relação ao Pai. Para esta última visão, veja Gerald F. Hawthorne, *The Presence and the Power: The Significance of the Holy Spirit in the Life and Ministry of Jesus* [A Presença e o Poder: O Significado do Espírito Santo na Vida e no Ministério de Jesus] (Dallas: Word, 1991).

48 - O autor reconhece que ele não defendeu explicitamente esses papéis divinos, mas unicamente a estrutura em que um maior refinamento pode ser feito; a complexidade de dados bíblicos desafia categorização simplista.

49 - A ilustração deve em parte a Jurgen Moltmann, *Experiências em Teologia: Caminhos e Formas da Teologia Cristã* (Minneapolis: Fortress, 2000) 305-6. A maioria would discordar de Moltmann comentário sobre o Rublev pintura que “é impossível para descobrir quem representa o Pai, que o Filho e que o Espírito” (p. 305). Na inspeção mais minuciosa, cada membro da Divindade é bastante distinguíveis pela cronologia, cores, e postura, com prioridade de Pai no esquerdo, o Filho acima do copo e do Santo Espírito. Ele deve

ser adicionado que raramente no leste da iconografia é o Pai visível a todos. A arte copta, no entanto, frequentemente retrata a Trindade como três pessoas idênticas.

50 - No *Concilium Florentinum: Documenta et Scriptores* (Roma: Pontifical Oriental Institute, 1940-1971) e outras fontes em O'Carroll, *Trinitas* 112–13. Equilibrando o credo florentino frequentemente citado acima, a bula papal *Laetentur coeli*, em 6 de julho de 1439, declara: “todos igualmente professam que o Espírito Santo é eternamente do Pai e do Filho, e tem sua essência e seu subsistente, ambos o Pai e o Filho, e procede da eternidade como de um princípio e uma espiração”.

Direitos autorais e uso:

Como usuário do ATLAS, você pode imprimir, fazer o download ou enviar artigos para uso individual, de acordo com o uso justo, conforme definido pelas leis de direitos autorais dos EUA e internacionais e conforme autorizado de acordo com o respectivo contrato de assinante do ATLAS.

Nenhum conteúdo pode ser copiado ou enviado por e-mail para vários sites ou publicado publicamente sem a permissão expressa por escrito do detentor dos direitos autorais. Qualquer uso, descompilação, reprodução ou distribuição deste periódico que exceda as disposições de uso justo pode ser uma violação da lei de direitos autorais.

Este diário é disponibilizado a você através da coleção ATLAS com permissão do (s) detentor (s) dos direitos autorais. O detentor dos direitos autorais de uma edição inteira de uma revista geralmente é o proprietário da revista, que também pode possuir os direitos autorais de cada artigo. No entanto, para certos artigos, o autor do artigo pode manter os direitos autorais do artigo. Entre em contato com o (s) detentor (s) dos direitos autorais para solicitar permissão para usar um artigo ou trabalho específico para qualquer uso não coberto pelas disposições de uso justo das leis de direitos autorais ou cobertas pelo seu respectivo contrato de assinante da ATLAS. Para obter informações sobre o (s) detentor (s) dos direitos autorais, consulte as informações de direitos autorais do periódico, se disponíveis, ou entre em contato com a ATLA para solicitar informações de contato do (s) detentor (s) dos direitos autorais.

Sobre a ATLAS:

A coleção ATLA Serials (ATLAS @) contém versões eletrônicas de revistas de religião e teologia publicadas anteriormente, reproduzidas com permissão. A coleção ATLAS pertence e é administrada pela Associação Americana de Bibliotecas Teológicas (ATLA) e recebeu financiamento inicial da Lilly Endowment Inc.

O design e a forma final deste documento eletrônico são de propriedade da American Theological Library Association.